

Director: MANUEL DA SILVA CAMPOS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Proprietário da CONFEDERAÇÃO GERAL
DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional
dos Trabalhadores
Lisboa, mais 90.50; Províncias: 5 meses 25.50.
África Portuguesa, 6 meses 70.00; Estrangeiro,
6 meses 110.00.

TERÇA-FEIRA, 10 DE MARÇO DE 1925

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTE-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 33 CENTAVOS — ANO VII — N.º 192.

A igualdade perante a lei

Um dos grandes princípios proclamados aos quatro ventos como uma das vantagens da democracia é este: — a lei é igual para todos, ou todos são iguais perante a lei. Mas constantemente nós vemos que não é assim. O povo sofre sempre as consequências da sua desigualdade económica em relação aos que dispõem das riquezas e, assim, a sua situação perante a lei é muito diversa da de qualquer burguês endinheirado, ou mesmo apenas um influente eleitoral.

Depois sabe-se muito bem que os lobos não se comem uns aos outros. Mesmo quando se trata de pessoas que não são do mesmo partido, mas aceitam as ideias gerais do Estado, o princípio de autoridade, a hierarquia social, a disciplina forçada, o militarismo, etc., essas pessoas gozam de regalias em relação à lei, de que não podem disfrutar os miseráveis, que não possuímos nada e não comungamos nas ideias políticas dominantes.

Um exemplo. Vejam o que disseram Cunha Leal e os nacionalistas a respeito do chefe do Estado. Se fôssemos nós...

Se nós tivessemos dito ou escrito metade daquilo já a estas horas estavamo a ferros, aguardando um julgamento e por ventura a deportação para a África.

E' bom que acentuemos que nenhum desejo teríamos de usar da mesma liberdade que foi concedida aos nacionalistas. Não temos nenhuma razão para ser agressivos para com o sr. Teixeira Gomes, que independentemente da sua situação de presidente da república, é um homem digno de consideração, um escritor de muito merecimento, um intelectual dum alto valor.

Mas se em vez de ser tudo isso fôsse um mediocre e como chefe de Estado contenesse com a nossa liberdade e nôs tivessemos de o atacar por isso, bastaria que o fizessemos um pouco abaixo do tom violento em que o atacaram os nacionalistas para nós irmos até ao Lameiro ou até ao forte de Monsanto.

Vejam o que sucedeu ao Jorge dos Santos, preso sob a acusação de ter cometido e impresso na sua oficina um manifesto onde se não ataca o chefe do Estado mas apenas alguns marechais do partido democrático. O crime dêste é horroroso.

O desplante dos nacionalistas atacando o sr. Teixeira Gomes, sem nenhuma espécie de disfarce, para não pôr em cheque o próprio prestígio das instituições, isso não é nada, nem merece sequer uma censura dos homens que estão à frente dos destinos da governança.

Que ao menos o público repare nestes factos e veja como os republicanos falham na prática quanto aos princípios que pregaram no tempo da propaganda. A lei igual para todos. Está-se a ver...

NA AMÉRICA

14.000 mineiros em greve

Cinco minas inundadas

MONTRÉAL, 9.—Estão inundadas cinco minas que sofreram enorrimos prejuízos devido à greve dos mineiros de Cape Breton na Nova Escócia. O número de mineiros em greve é de 14.000. A polícia e os empregados de escritório estão-se esforçando por fazer manobras as bombas para exgotar a água. Na região há grande desânimo porque as minas não trabalham desde Dezembro último. Os operários pedem aumento de 40 %, sobre os salários e a Companhia quer baixar-lhes os salários em 10 %. (R.)

Uma manifestação socialista contra a guerra

O conselho geral da F. S. I. tomou a decisão de escolher em 1925 um dia especial contra a guerra e para isso resolveram fazer sobressair de uma maneira especial, no dia primeiro de Maio, a vontade de paz do proletariado.

O dia 1º de Maio sempre foi uma demonstração de solidariedade internacional; no ano passado, quando se celebrou o aniversário de ter rebentado a confusão europeia, foi indispensável dar a mais forte expressão de odio à guerra e à vontade da colaboração pacífica.

Foi por esta causa que se decidiu a celebração de um «Dia contra a guerra» que se celebra em todo o mundo.

Este ano — dia 1.º de Maio — o primeiro de Maio será o nosso dia contra a ação militarista.

OS CRIMES DA POLÍCIA

Um operário bárbaramente assassinado à sabada, depois de preso!

Entre as testemunhas desta hedionda façanha, encontra-se um cabo da G. N. R. que fez um depoimento esmagador

Está estabelecido que todos nós temos a nossa liberdade, a nossa dignidade e a nossa vida dependentes do primeiro político que, para dar satisfação aos seus maus instintos, nos prende, nos insulta, nos agride e nos assassina. A polícia tem o direito de morte sobre todos os trabalhadores. A impunidade favorece-a a ponto de serem cometidos os maiores e mais repugnantes crimes, sem que os políticos que os praticam sofram o mais leve incômodo.

Cada vez que lêmos o relato dum tribunal em que um homem é condenado por matar, pensamos sempre que ele foi condenado por não ser da polícia.

O crime hoje vestiu a farda de polícia e mora nas esquadrilhas. Sob a farda dum polícia pulsa o coração dum assassino... Nem todos os polícias matam, mas só já em grande número as pessoas que têm sido assassinadas por polícias, em condições mais cobardes e as mais repugnantes.

Anteontem, no beco da Galheta, foi assassinado pela polícia o operário Manuel de Brito. Diz o Século, numa das suas mais desonestas e mentirosas reportagens, que o operário era um desordeiro com largo cadastro, que tinha a alcunha de «Romão» e que foi morto a tiro depois de agredir um polícia e ter tentado evadir-se.

Fomos ontem ao local do crime saber como se deu o assassinato do Romão.

Falámos em primeiro lugar, com o irmão vítima. Algumas das suas declarações: — Meu irmão não tem largo cadastro; esteve apenas duas vezes preso. Estas prisões não excederam 24 horas. Não tinha a alcunha de «Romão», como o Século afirma. Romão é nome próprio dum irmão meu. Meu irmão vivia do seu trabalho e era o amparo dos seus irmãos menores. Outras testemunhas, muitas testemunhas fazem-nos idênticas declarações. Manuel de Brito era geralmente estimado como o próprio Diário de Notícias o afirma dizendo que «sua morte causou em todo o bairro de Alcântara a mais viva emoção».

Percorremos demoradamente o beco da Galheta. Era noite e chovia. O aguaceiro não conseguia contudo limpar o pavimento, muitas pedras ainda estavam manchadas de sangue — sangue dum pobre mulher. Ana de Oliveira, de 40 anos — que foi atingida a tiro por uma das balas e do desventuroso Manuel de Brito. Ainda naquele beco, na esquina da Travessa José Antônio Pereira, estavam pintados a letra encarnada uns dizeres referindo o crime, salientando que ele fôra tão barbáro como o dos Olivais.

Uma única dificuldade tivemos em averiguar como o crime fôra praticado: o número avultado de pessoas que se ofereciam ao testemunhar e a indignação de quem estava possuído... A primeira que ouvimos, Maria Augusta Torres, beco da Galheta, 16, aguafurtada, contou-nos assim o caso, sobriamente:

— Estava à janela de minha casa quando ouviu detonações. Vi depois um rapaz fugir e ser preso, a poucos passos, por um cabo da guarda republicana, que vinha passando. O rapaz entregou-se, sem fazer resistência. Surgiram quasi a seguir os dois polícias. O cabo entrou-lhes o rapaz dizendo:

— O homem está preso, não se lhe bate. Foi como se o cabo lhe tivesse ditado o contrário. Desataram a bater com os sabres, desalmadamente no pobre do rapaz. Afritaram, julgando até que se tratava dum filho meu — o beco não tem iluminação, não podendo, portanto, distinguir bem as pessoas — desci rapidamente a escada e gritei, gritei... Ainda vi o rapaz caído de bruços na rua. O cabo da guarda republicana ainda gritou para os polícias: «em homem morto não se bate», mas os polícias — eram dois — continuaram a bater-lhe.

Maria Augusta pára um pouco a sua narração e acrescenta depois, fixando um olhar:

— tinham desembainhado os sabres para não lhe fazerem mal. Eles não me atenderam e começaram batendo à doida no preso; batiam-lhe para matar e mataram-no. Um deles quando começou a juntar-se gente, disse-me que ia buscar uma maca para levá-lo para o hospital e não voltou a aparecer. Meia hora depois o outro polícia — 1637 — disse-me a mesma coisa e abalou. Desconhei que ele queria fugir, corri atrás dele e prendeu-o na rua 24 de Julho.

PELA POLÍTICA

O Congresso Nacionalista foi apenas uma assembleia de apetites e despeitos políticos

Injurou-se o Chefe do Estado, saudaram-se o exército de terra e mar e as «fôrças vivas» — e nada mais

O Congresso Nacionalista encerrou anteontem os seus trabalhos, sem ter adoptado uma única resolução concreta sobre a sua atitude política no actual momento. Palavras, palavras, palavras... Resoluções, nenhuma. Tudo a cargo do Directorio que se pronunciaria, a seu belo capricho, se o partido deve ir ou não às urnas no próximo acto eleitoral.

A reunião do congresso foi inútil, revelando, como revelou, uma grande hesitação e a existência de duas correntes: uma a favor, outra contra a abstenção eleitoral, abdicando as duas em proveito do Directorio que decidiria o rumo a seguir, como se o partido fosse nela que se resumisse.

Uma das notas salientes do congresso foi a chuva entusiástica de saudações às fôrças de terra e mar. Apontamos este pormenor para demonstrarmos a especulação que se anda, constantemente fazendo com as chamadas fôrças de terra e mar, como se estas tivessem interferência na resolução dos grandes ou pequenos problemas colectivos ou para eles contribuissem com uma produção actividade.

Porque não se saudaram os professores, por exemplo? Simplesmente por que as revoluções políticas e os golpes de Estado de mesquinhos objectivos, se não fazem com escutas, mas com peças de artilharia. Saudou-se a tropa de mar e terra no desejo de a captar, na dourada esperança de que acasera venha, com suas espadas e espingardas, sobrepor-se a tudo, pela violência, e decidir a situação política a favor do Partido Nacionalista.

Quer ainda dizer essa saudação que aquele partido confia mais numa conspiração militar do que na opinião pública ou na influência dos seus círculos eleitorais. Aquele grupo político está, com estúpida inconsciência, dominado pela ambição de assaltar o Estado, desenvolvendo, alimentando uma «militarité» aguda que bem pode, no futuro, voltar-se contra ele e contra os restantes políticos. A população que aquele partido confia mais numa conspiração militar do que na opinião pública ou na influência dos seus círculos eleitorais. Aquele grupo político está, com estúpida inconsciência, dominado pela ambição de assaltar o Estado, desenvolvendo, alimentando uma «militarité» aguda que bem pode, no futuro, voltar-se contra ele e contra os restantes políticos. A população que aquele partido confia mais numa conspiração militar do que na opinião pública ou na influência dos seus círculos eleitorais. Aquele grupo político está, com estúpida inconsciência, dominado pela ambição de assaltar o Estado, desenvolvendo, alimentando uma «militarité» aguda que bem pode, no futuro, voltar-se contra ele e contra os restantes políticos.

Sintefando: o Congresso Nacionalista preocupou-se apenas com o facto dos democráticos terem conseguido quase monopolizar o poder, fazendo-lhe terrível concorrência política, visto quase todos os governos saídos desse último agrupamento político serem excessivamente conservadores.

O despeito os reuniu e o despeito ainda será o sentimento e a ideia superiores a todos os sentimentos e ideias, que hão-de nortear a sua acção no futuro.

E' assim a política — uma ignóbil porcaria.

posto, como nos vieram referir algumas pessoas.

O menor Saturnino Alves, uma das vítimas, foi o mais maltratado, ficando com um ferimento na cabeça e várias equimoses pelo corpo.

Dos presos foram soltos os que não possuíam dinheiro. Os restantes expiram o seu grande «crime», que a polícia entendeu representar tam barbaramente e em condições severas.

Não nos parece que o direito de matar tivesse sido já decretado para a polícia. Embora estejamos convencidos que, enquanto à sua frente estiver Ferreira do Amaral não haverá tranquilidade acreditávamos todavia ingenuamente suposição que a polícia não desceria tanto, massacrando melenas, por um delito tan insignificante.

Não realizar-se as seguintes conferências?

Universidade Popular Portuguesa

Conferências e cursos

Devido a ter recaído novamente doente, não realizara ainda hoje o dr. sr. Ferreira do Amaral a sua anunciada conferência no Sindicato Único Metalúrgico, a rua da Esperança.

Vão realizar-se as seguintes conferências:

A deputação anual do congresso das associações trabalhistas do Canadá apresentou ao governo entre outras as seguintes reclamações: pensões para a velhice, seguro no desemprego, representação proporcional, jornada de oito horas nos contratos do governo.

O professor sr. dr. Pardo Coelho efectuou na proxima semana, na sede da Universidade, uma conferência acerca de Camilo e o dr. sr. Pedro José da Cunha inaugura, dia 19, a nova série de conferências no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, devendo falar sobre Astronomia.

O curso Educação para a vida, que é dirigido a elementos da classe operária, tem hoje mais uma lição. Funciona, como temos dito, na sede da Universidade, rua Santa Rita, sobre História da civilização, no mesmo dia, na Sociedade Verd, e aula de 10 horas nos contratos do governo.

As reuniões locais dizem que o trabalho nessas condições é prejudicial aos trabalhadores, porque tende a aumentar cada vez mais o já crescido número de operários sem trabalho.

As uniões locais dizem que o trabalho nessas condições é prejudicial aos trabalhadores, porque tende a aumentar cada vez mais o já crescido número de operários sem trabalho.

Angela Pinto morreu

Angela Pinto exalou ontem, pelas 20,40 horas, o seu último suspiro. A gente dá esta notícia e fica-se alheio à importância que ela encerra. «Angela Pinto morreu». Repetimos muitas vezes esta frase para alcançar o sentido da realidade, para nos compreendermos da verdade dolorosa. E o coração teme em não se convencer. E a nossa visão em vez de no-la fazer surgir pálida como as rosas brancas dos jardins discretos, teme em apresentá-la exuberante, daqui a sedutora, arrebatadora, como na «Zázá».

Angela Pinto morreu. Mas nós não queremos acreditar na novidade sinistra. Recordamo-la ainda nos Mineiros, incarnando os nossos ideais, os nossos sentimentos de revolta, o nosso sofrimento, o sofrimento dos escravos dessa sociedade brutal — mas não nos conformamos com a ideia aterradora e triste dum Angela Pinto exangue, agoniizado num leito branco como a alma casta dum virgem, como os sonhos brandos de uma criança.

Angela Pinto morreu. E' lá possível? Não a vemos nós ainda na formidável peça de Stringberg — «O Paiz» — perversa, tóida intuições malignas, tóida subtilezas, tóida trucos abjetos e cínicos? Não, Angela Pinto não morreu. Vive, vive nos personagens contraditórios que criou, sempre com o mesmo elan, com a mesma naturalidade e beleza — beleza avassaladora que nos arrebata, que nos eleva aos picares iluminados dos ideais mais altos, que nos arrasta na lama das almas putridas, que nos conduz aos ambientes discretos, íntimos e familiares — que nos provoca gritos de alegria e clamores de angústia.

Morreu. Angela Pinto! E' mentira. Nós, proletários, não acreditamos nessa notícia disparatada. Estamos a vê-la — não como artista exteriorizando sentimentos alheios — estamos a vê-la na própria vida, tóida entregue às suas paixões, desdenhando de todas as convenções, chorando as misérias dos humildes, como ela sabia chorar, sorrindo em segredo, para que ninguém o soubesse, os que eram atingidos pelas adversidades da vida ou pelas calamidades sociais.

Ela amava A Batalha — muitas vezes no-lo disse com o coração nas mãos, como ela sabia, fora da cena, dizer-nos sem rodeios o que pensava. Ela amava este jornal porque exteriorizava, porque clamava a dôr inigualável de anonima multidão dos trabalhadores. Por isso não acreditamos na sua morte. A nossa sensibilidade recusa-se a aceitar a horrível verdade.

Angela Pinto morreu. Não, não morreu. Angela Pinto vive ainda nos corações dos que amou e dos que a amaram pela sua arte e pelo plebeuza da sua existência de grande estrela que derramou a sua luz dossilbrante no coração ignorado dos humildes e dos patriotas.

M. D.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Os desvios do cooperativismo

O cooperativismo, que na hora presente devia ser um instrumento de libertação proletária e de preparação da organização operária de amanhã, caiu na Inglaterra — como aliás tem sucedido quase por toda a parte — nas mãos de «mercantilistas» e especuladores, estando longe de responder as esperanças que nele se depositou.

As cooperativas inglesas, dirigidas por elementos que nada têm de proletários, atravessam actualmente uma crise, suscitando frequentemente desinteligências entre as direcções e o pessoal.

O pessoal tem reclamado aumentos de salário, que lhe têm sido recusados pelos directores.

Numa conferência a que assistiram mais de 120 delegados de cooperativas, foi resolvido não entrar em negociações com os sindicatos representantes do pessoal. Por outro lado o secretário das cooperativas declarou que estas responderiam com o lock-out à ação dos trabalhadores.

Todavia, apesar das cooperativas em geral só servirem os interesses dum minoria de funcionários, isso não destrói o valor da cooperação, que bem organizada deve trazer vantagens ao operário, e permitir-lhe iniciar-se no problema da distribuição e da produção.

Reclamações dos trabalhistas

A deputação anual do congresso das associações trabalhistas do Canadá apresentou ao governo entre outras as seguintes reclamações: pensões para a velhice, seguro no desemprego, representação proporcional, jornada de oito horas nos contratos do governo.

</

A BATALHA

Ferroviários do Minho e Douro

Aprovam o regulamento do Montepio Ferroviário e discutem outros assuntos de interesse corporativo

PORTO, 7.—A fim de ser discutido o projeto de regulamento do Montepio Ferroviário e do que se passa em Lisboa, efectuou-se uma assembleia geral extraordinária da União Ferroviária do Porto, à qual presidiu António Augusto Moreira, que teve como secretários Carlos Guimaraes e José Soares de Pinho.

António Bento Duarte, relator do projeto referido, leu o regulamento, depois de audir a tão simpática iniciativa do Montepio.

João José dos Santos, Joaquim Vicente, Adriano Monteiro, Carlos Alberto Viana e António Pinto Fernandes fizeram diferentes considerações defendendo a ideia do Montepio. Apresentaram várias emendas e referem-se também à hora grave que se atravessa.

João Correia Figueiredo, José de Sousa Teixeira e outros manifestaram sua discordância com a criação daquela instituição anexada à U. F. V. O sindicalismo não aceita o mutualismo no seu seio. Lamentam, pois, que a direcção da U. F. V. tivesse perfilado tal ideia.

Após Adriano Monteiro refutar os oradores antecedentes, afirmando que o sindicalismo revolucionário não se impõe a que qualquer sindicato consiga benefícios para os seus sindicados, estabelece-se discussão animada e dialogada.

O relator do projeto continua a defender os seus pontos de vista, recaíndo acidentalmente sobre o artigo 6º, que criava duas categorias de subsídios.

Carlos Viana da esclarecimento sobre a fórmula como procedem os professores e empregados da Universidade do Porto: entre elas há simplesmente uma categoria de subsídios.

Por fim, o projeto é aprovado, bem como a seguinte moção apresentada por António Pinto Fernandes:

Considerando: que o Montepio da família ferroviária é uma necessidade, atendendo a que por sorte de qualquer camaráda a família do dito fica logo numa situação crítica e difículs;

que urge, desde já, dar todo o desenvolvimento e ação que forem precisos empregar pela União Ferroviária ao Montepio, para que este seja um facto consumado no pagamento de Abril próximo, como determina o projeto de regulamento;

que a assembleia geral da classe, reunida na União Ferroviária, em 3 de Março corrente, discutiu e aprovou o seu projeto de regulamento apresentado pelo camarada António Bento Duarte, por o achar conveniente com o seu modo de vêr e, por consequência, dentro da lógica que regula estas instituições—resolve.

1.º que se nomeie, desde já, uma comissão de 9 membros, sendo um do inativo, para dar cumprimento integral e, de carácter oficial, à criação do Montepio, dentro do prazo já determinado;

2.º que a União Ferroviária preste à dia comissão todo o auxílio moral e material que a mesma necessite;

3.º que desta resolução seja dado conhecimento a todo o pessoal interessado, por meio dum circular impresso, onde, além de se demonstrar as vantagens e a necessidade do Montepio, se lhe peça a sua adesão e respectiva inscrição;

4.º que todos os sindicados façam a maior propaganda possível a favor do Montepio da família ferroviária, a fim de que consiga a filiação de todos os ferroviários actualmente existentes nos caminhos de ferro do Minho e Douro, acabando-se, de futuro, com a miséria que dia a dia se está constatando;

5.º Que seja dado um voto de louvor à comissão inicial do projeto, por o mesmo vir preencher uma lacuna ainda aberta na família ferroviária.

António Pinto Fernandes historiada detalhadamente o que foi tratado em Lisboa junto do administrador geral, relativo às promoções do pessoal, fundo de assistência, construção de casas, situação dos dependentes, etc.

Adriano Monteiro corrobora as palavras daquele delegado, afirmando que os mentores da Associação do Pessoal Administrativo já estão a preparar o assalto, iludindo os incertos com a alegação de que não conseguem arrecadar acima referidas. Estigmatiza o proceder dos pais dirigentes da Associação do Pessoal Administrativo: não possuem dignidade e é necessário pôr à prova a sua moralidade.

Joaquim Vicente traça a biografia de Raul Martins e inspector Ferreira, os quais, como colegiais brigões, se constituíram em dirigentes dessa pseudo associação.

Classifica-a de «amarela» e diz não ter outro fim senão desarmarizar a classe a favor dos seus mesquinhos interesses individuais. Reporta-se ao procedimento que eles tiveram a quando da greve dos 69 dias e entende ser necessária a publicação de um manifesto onde lhe bem demonstrada a trilogia desses arautos estomacais. Mais tarde, a máscara, há-de cair-lhes e os pobres incertos hão-de então vêr, em tóda a sua nudez, o rosto e a dentuça amarelecida e pôdrão dêsses maquinávlicos dirigentes.

António Bragança e Francisco Pinto defendem, a todo o transe, a situação do pessoal eventual, exortando a classe a que não crize os braços em altitude dominicana, deixando-se baloiçar à mercê das conveniências e miragens dos superiores.

O presidente da direcção explica o que esta resolviu para o engrandecimento da colectividade. António Pinto Fernandes refere-se à compra do retrato de Ferrer, de 2 pastas; do sélo em branco, modificação da taboleta, etc.

Adrião Ferreira dos Santos apresenta uma proposta para a compra dumha outra bandeira associativa e Francisco Pinto uma moção referente à situação das delegações de Viana e Régoa, que se encontram numa lamentável apatia e sem direções que deem sinal de si.

Aprovados estes documentos, Adriano Monteiro exorta o pessoal a unir-se e solicita a cedência das salas da U. F. V., a fim de realizar umas palestras sobre as bases em que assenta o sindicalismo e o problema moral que é preciso desenvolver.

Fra uma hora da madrugada quando se encerrou a assembleia.—C.

AS GREVES

A dos barqueiros de Faro prossegue sem desfécções

FARO, 5.—O movimento grevístico dos barqueiros prossegue sem desfécções contra a Companhia Marítima, que, por sua vez, procura se isolar os grevistas sem que tal tenha conseguido.

Hoje realizou-se uma sessão dos grevistas, fazendo os delegados da Federação Marítima uma larga propaganda dos pontos de vista do organismo que representavam em relação ao movimento em trânsito, propaganda que calou fundo nos grevistas, pois nela alcançaram muitos ensinamentos.

Ficou resolvido manter integralmente as tabelas existentes à data da declaração da greve.—E.

Numa sessão pública é expreßada a atitude dos carregadores

FARO, 6.—Com a presença de dois delegados da Federação Marítima, reuniram os marítimos desta cidade para apreciarem a tração dos carregadores em face do conflito dos barqueiros.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, expõe a traços largos a grave situação, emitindo a opinião de que os barqueiros não devem aceitar as propostas dos patrões, sem que estas sejam negociadas com o sindicato.

João Carvalhal, do mesmo organismo, saúda os marítimos em greve, declarando que, embora ignore as suas causas, verificou no entanto que as pretensões dos carregadores visam especialmente envelopar em questões pessoais os barqueiros para assim triunfarem. Pela união dos barqueiros está intimamente convencido que tal não conseguiu.

Vários camaradas barqueiros reforçam as opiniões dos oradores antecedentes sobre os vários aspectos da greve.

Os delegados da Federação propõem, sendo aprovado, que se aguarde o chamamento dos barqueiros para se iniciarem as negociações.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicalismo revolucionário, terminando com algumas palavras de incitamento à greve dos barqueiros.—E.

Um "truco" dos armadores de Olhão descoberto a tempo

OLHÃO, 5.—O conflito marítimo suscitado pelos armadores, encontra-se de momento revestindo uma grandiosa importância moral. Os armadores—os verdadeiros culpados do conflito—têm jogado mão de todos os processos de luta, ainda os mais infames e nojentos para lidar a opinião pública, acerca da verdadeira causa do conflito. Esses processos têm chegado ao ponto de insinuar na imprensa,

"Moca", que os marítimos não vão para o mar porque querem roubar, o que é justamente o contrário.

Mas, como não tivessem logrado os seus intentos, arranjaram uma carta falsa, para demonstrar que os marítimos pretendiam assassinar o armador Lazar.

Tivemos ocasião de ver o subscrito dessa carta e verificámos ter sido ela escrita com a mão esquerda. E um "truco" bastante indigno que só serve para comprovar o seu autor.—C.

Uma grandiosa sessão em que usaram da palavra delegados dos organismos centrais

OLHÃO, 5.—Com a comparecência de dois delegados da C. G. T. e Federação dos Trabalhadores Rurais realizou-se no dia 3 do corrente uma imponente sessão de protesto.

Manuel Rodrigues, da Federação Marítima analisa minuciosamente as fases em que o conflito marítimo se encontra derivado à renitencia dos armadores. Esprai-se em várias considerações demonstrativas do valor da associação, terminando por aconselhar a classe marítima a não desanistar.

Jerônimo de Sousa, da C. G. T., não veio em missão especial a Olhão, mas sim veio satisfazer um pedido dos trabalhadores de fábricas de conservas de peixe, e para tal realizar teve que alterar o seu itinerário.

Todavia reconhece que isso foi útil à organização, uma vez que vem falar a uma classe que se encontra em luta com o fim de acabar com o roubo, o que deveras honra toda a organização operária marítima.

O gesto dos grevistas, diz, é dos mais nobres que até a data se têm visto. De resto todos os outros trabalhadores, acusados de ladrões querem apenas acabar com o roubo. Devem os grevistas ser firmes, e que ninguém, absolutamente ninguém, cometa baixezas de trair esta tão bela causa.

Se houver alguém que cometa, um tão monstruoso crime, que todos os marítimos lhe saibam dar o seu justo e merecido premo.

O orador foi constantemente apoiado terminando no meio de fortes aplausos e vivas à C. G. T.

Candeira, da Federação dos Trabalhadores Rurais, saúda em nome dos campões da sua pá todos os assistentes. Analisa minuciosamente a questão social, confrontando a vida opulenta do patronato com a dos operários. Vê com simpatia o movimento da classe marítima, estabelecendo nesta altura vários exemplos que demonstram que a classe marítima tem tódia a razão por seu lado. O orador, que foi constantemente interrompido com estrondosos aplausos, termina com vivas à tódia a organização operária.

Francisco Verissimo, da Federação Marítima, apela para tódia a classe para que se mantenha firme, não devendo nenhum marítimo ocorrer ao chamamento do patrão, e nem consentir que por si, alguém lhe dê o nome para a matrícula, só o devendo fazer quando o sindicato indicar.—C.

Tanoeiros de Gaia

Uma importantíssima assembleia para tratar do conflito na casa Cook, Burns & Smiths

VOTO-SA a greve geral em princípio

VILA NOVA DE GAIA, 8.—Para apreciar o conflito com a casa Cook, Burns & Smiths reuniram no Centro Guillermo Braaga os operários tanoeiros, serradores mecânicos e trabalhadores dos armazens de vinhos, encenando-se por completo a sala.

Usando da palavra, Mário de Carvalho

Crise de trabalho e baixa de salários

Na indústria da construção civil

Um grupo de operários da construção civil tratou ontem, mais uma vez, com o sr. ministro do comércio, da colocação de operários sem trabalho. Foram indicados ao sr. Ferreira de Simas vários pontos do país onde esses desempregados podem ser colocados, por ali haver obras a realizar.

O operariado de Santarém em face da crise

SANTARÉM, 6.—A direcção do Gremio R. Operário, perfiliou os trabalhos iniciados pela comissão pró-debelamento da crise neste sentido.

Nesse sentido realizou hoje uma reunião magna do proletariado, onde foi distinguida e aprovada uma moção a entregar à Câmara Municipal, a fim de dar representação aos trabalhos apontados numa representação entregue há tempo à Câmara e ao ministro do Trabalho, por intermédio do governador civil.

Ficou resolvido manter integralmente as tabelas existentes à data da declaração da greve.—E.

Os rurais de Moura ocupam-se da falta de trabalho

MOURA, 4.—Reuniu anteontem a assembleia geral dos trabalhadores rurais, resolvendo nomear uma comissão para conferir com o delegado do governo a fim de se tratar de assegurar o abastecimento de farinhas durante o ano, equilibrando o preço da mesma com o salário mínimo, e atraídos, junto da câmara e proprietários, de procurar atenuar a crise de trabalho.

Tendo ficado suspensa a assembleia, reuniu ontem, usando da palavra Alvaro M. Fialho, que deu conta do facto do sr. Figueiredo ter oferecido 1.000\$00 para serem distribuídos aos sócios mais necessitados da Associação de Classe dos Trabalhadores Rurais, facto que deu origem à convocação desta assembleia, aclarando-se o C.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicato e da solidariedade operária.

Alfredo Ferreira Soares, da comissão de "demarches", dá conta dos trabalhos realizados e refere a necessidade de ser prestada solidariedade aos grevistas.

Joaquim do Carmo, delegado da C. G. T., congratula-se pela forma como os operários de Silves têm respondido ao apelo do seu sindicato e demonstra o valor do sindicato e da solidariedade operária.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, expõe a traços largos a grave situação, emitindo a opinião de que os barqueiros não devem aceitar as propostas dos patrões, sem que estas sejam negociadas com o sindicato.

João Carvalhal, do mesmo organismo, saúda os marítimos em greve, declarando que, embora ignore as suas causas, verificou no entanto que as pretensões dos carregadores visam especialmente envelopar em questões pessoais os barqueiros para assim triunfarem. Pela união dos barqueiros está intimamente convencido que tal não conseguiu.

Vários camaradas barqueiros reforçam as opiniões dos oradores antecedentes sobre os vários aspectos da greve.

Os delegados da Federação propõem, sendo aprovado, que se aguarde o chamamento dos barqueiros para se iniciarem as negociações.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicato e da solidariedade operária.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, expõe a traços largos a grave situação, emitindo a opinião de que os barqueiros não devem aceitar as propostas dos patrões, sem que estas sejam negociadas com o sindicato.

João Carvalhal, do mesmo organismo, saúda os marítimos em greve, declarando que, embora ignore as suas causas, verificou no entanto que as pretensões dos carregadores visam especialmente envelopar em questões pessoais os barqueiros para assim triunfarem. Pela união dos barqueiros está intimamente convencido que tal não conseguiu.

Vários camaradas barqueiros reforçam as opiniões dos oradores antecedentes sobre os vários aspectos da greve.

Os delegados da Federação propõem, sendo aprovado, que se aguarde o chamamento dos barqueiros para se iniciarem as negociações.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicato e da solidariedade operária.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, expõe a traços largos a grave situação, emitindo a opinião de que os barqueiros não devem aceitar as propostas dos patrões, sem que estas sejam negociadas com o sindicato.

João Carvalhal, do mesmo organismo, saúda os marítimos em greve, declarando que, embora ignore as suas causas, verificou no entanto que as pretensões dos carregadores visam especialmente envelopar em questões pessoais os barqueiros para assim triunfarem. Pela união dos barqueiros está intimamente convencido que tal não conseguiu.

Vários camaradas barqueiros reforçam as opiniões dos oradores antecedentes sobre os vários aspectos da greve.

Os delegados da Federação propõem, sendo aprovado, que se aguarde o chamamento dos barqueiros para se iniciarem as negociações.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicato e da solidariedade operária.

Manuel Rodrigues, da F. Marítima, expõe a traços largos a grave situação, emitindo a opinião de que os barqueiros não devem aceitar as propostas dos patrões, sem que estas sejam negociadas com o sindicato.

João Carvalhal, do mesmo organismo, saúda os marítimos em greve, declarando que, embora ignore as suas causas, verificou no entanto que as pretensões dos carregadores visam especialmente envelopar em questões pessoais os barqueiros para assim triunfarem. Pela união dos barqueiros está intimamente convencido que tal não conseguiu.

Vários camaradas barqueiros reforçam as opiniões dos oradores antecedentes sobre os vários aspectos da greve.

Os delegados da Federação propõem, sendo aprovado, que se aguarde o chamamento dos barqueiros para se iniciarem as negociações.

Por último falou o camarada Joaquim Candeira, delegado da Federação Rural, que num brilhante discurso enalteceu o valor do sindicato